



# FERNANDO DE LIGÓRIO


## TEURGIA & GOÉCIA

Poderá o tempo varrer de longe os nomes daqueles que outrora foram gigantes e fundaram nossa Tradição Esotérica Ocidental. No entanto, estes viverão eternos na memória daqueles que em sabedoria valorizam àquilo que vem primeiro. Em nossas memórias, Jâmblico, o *divino*, para sempre viverás.

Que os profanos daqui se afastem! Que os sacrílegos daqui se afastem! Que os traiçoeiros daqui se afastem! Que os assassinos daqui se afastem! Nós juramos devoção aos Deuses, honra aos Heróis, solidariedade aos nossos irmãos e repulsão aos zombadores, difamadores, delatores e perjuros.

*Fernando de Ligório*

*Ritual Teúrgico*

 diferença entre teurgia e γοητεία (goécia) foi muito bem estabelecida por Jâmblico (245-325 d.C.) e de forma criteriosa. Essa diferença ocorre nos campos da prática tradicional religiosa, mágica e teúrgica. Às vezes é difícil discernir a teurgia de uma ação religiosa. Por exemplo, a Missa da Igreja Católica é considerada um ritual teúrgico e na verdade, toda a liturgia católica foi inspirada na teurgia neoplatônica. Neste campo de análise muitos autores, acadêmicos e estudiosos, têm tentado estabelecer uma relação entre a magia e o exercício religioso, no entanto, pela ampla gama de definições produzidas acerca do termo μαγεία (*mageia*), entramos em um terreno pantanoso quando comparamos e tentamos diferenciar teurgia, magia e religião.

O termo grego γοητεία é utilizado para descrever um amplo arranjo de práticas mágicas que vão desde encantamentos e maldições, fascinação espiritual, amuletos mágicos e uso de intoxicantes de todos os tipos: álcool, drogas, fumos, plantas de poder, poções (φαρμαχα) e veneração aos mortos (necrurgia e necromancia). Essas práticas desde a Antiguidade são associadas às palavras μαγεία (*mageia*) e *feitizaria*. O exercício da teurgia, antes de ser derivado de um arranjo de práticas mágicas, pode ser rastreado em várias tradições religiosas da Antiguidade como por exemplo o *pūjā* tântrico, a invocação e o sacrifício das culturas helênica e egípcia, assim como os *oráculos dos deuses*, principalmente àquele através de estatuetas, uma das principais práticas religiosas para divinação da cultura egípcia na Antiguidade, onde deidades (*neteru*) eram cultuadas e carregadas em procissões, uma prática tanto pública quanto familiar. No entanto, alguns elementos da ritualística teúrgica, como por exemplo os ονοματα βαρβαρα (nomes bárbaros), muitas vezes referidos como *voces magicae*, são técnicas mágicas por excelência. O uso de símbolos e insígnias mágicas utilizadas nos

ritos teúrgicos foram extensamente empregados nos cultos de mistérios da Antiguidade como as tradições divinatórias, onde símbolos eram utilizados oraculamente para presságios e outros prognósticos, assim como a tradição pitagórica onde eles denotam aforismos de sabedoria. No entanto, como veremos no texto OS SÍMBOLOS NA TEURGIA, a utilização do símbolo na liturgia teúrgica permite ao teurgo acesso aos reinos de luz e perfeição onde residem, por exemplo, os espíritos das virtudes da sabedoria, coragem, temperança, prudência etc.

Na visão teúrgica neoplatônica de Jâmblico, podemos dizer herdeira da tradição pitagórica, existe a noção de *iniciação*, prática também herdada de tradições de mistérios como Eleusis, originária da Grécia e amplamente conhecida por todo o Mediterrâneo.

Tem sido difícil estabelecer uma relação entre a teurgia e a magia pelo fato do termo *μαγεια* ser associado a um grande número de práticas e porque vários termos utilizados na Antiguidade denotavam o exercício de *μαγεια*, como o termo *γοητεια*, utilizado sempre de forma pejorativa. A palavra *μαγεια* (no latim *magia*) deriva da palavra persa *magos*, que significa *sacerdote*, sendo usada em um contexto estritamente religioso. Mas a partir do Séc. VI d.C. os gregos passaram a conectar o termo *μαγεια* a mendigos, feiticeiros, idólatras e adivinhos de todos os tipos, acumulando conotações negativas no mundo greco-romano, o que levou a utilização popular depreciativa dos termos *μαγεια* (*magia*) e *γοητεια* (*goécia*), utilizados de forma intercambiável. No entanto, embora essa utilização depreciativa dos termos fosse popularmente praticada, desde a Antiguidade alguns filósofos se esforçavam para manter fiel o significado do termo *μαγεια* como uma função sacerdotal persa. É por isso que Jâmblico se recusa a utilizá-lo em sua obra DE MYSTERIIS, evitando assim qualquer má interpretação, generalização ou polêmica, contrariando a visão cristã de que teurgia e magia eram as mesmas artes.

Mas Jâmblico, por outro lado, é categoricamente criterioso e rígido na distinção entre teurgia e *magia* no sentido de *goécia*:

1. O estilo de vida e a *receptividade* do ritualista praticante.
2. O uso dos símbolos em acordo com o amor divino e *simpatia* (o caminho do teurgo) ou em acordo somente com a *simpatia* (o caminho do feiticeiro (*goés* – *γοης*) e os reinos metafísicos com os quais os símbolos estão conectados.
3. A medida que o praticante ritualista vê suas capacidades e uso do poder ritual como sendo seus (feiticeiro) ou como sendo dons de Deus (teurgo).

Estes critérios estabelecidos por Jâmblico estão completamente interligados, pois a utilização de símbolos pelo ritualista praticante está estreitamente conectada com sua atitude e propósito ritual, estilo de vida e *receptividade*. Mas a diferença entre teurgia e magia (*goécia*) apoia-se mais sobre o

ritualista do que os próprios critérios, pois eles se aplicam sobre o indivíduo, seu nível de consciência e receptividade, bem como os reinos que ele consegue acessar através do ritual. O termo γοητεία foi utilizado por Jâmblico somente duas vezes no seu DE MYSTERIIS, denotando o feiticeiro, não sua ação ritual.

A diferença essencial entre teurgia e γοητεία é, portanto, o estilo de vida e a receptividade do ritualista praticante, pois a teurgia trata-se de elevar a Alma aos reinos de luz e perfeição. Isso clareia bastante a distinção entre teurgia e γοητεία, pois revela que a diferença reside na disposição interna do praticante, sua motivação fundamental. O teurgo é àquele que se dedica a uma vida de disciplina, purificação, estudo, devoção e a prática das virtudes. Em DE MYSTERIIS Jâmblico responde as indagações de Porfírio acerca da caracterização mágico-ritualística do praticante dizendo: *Por causa destes que dela [i.e. γοητεία] fazem mau uso, não é fácil fazer justiça a essa forma de divinação em uma simples definição.*<sup>1</sup> Aqui Jâmblico estabelece uma distinção entre o magista, quer dizer, o mago-feiticeiro (γοης) e o teurgo. O feiticeiro usa da falsidade e da mentira em seus métodos, produzindo na Alma um movimento anatrópico e centrípeto. Esse movimento de inversão total da Alma, por outro lado, cria o ambiente ideal para aproximação de entidades densas e de força cega (*kakodaimones*), miasmas e cascões de todos os tipos. A teurgia, por outro lado, inverte a condição anatrópica da Alma, levando o teurgo aos reinos de luz e perfeição onde habitam os deuses e os espíritos das virtudes. Desse modo, a teurgia não dá acesso a entidades densas e de força cega, pois nela existe a presença da luz divina dos reinos celestiais. Essa luz divina é um bloqueio para a presença de entidades densas e feiticeiros de caráter torpe e duvidoso.<sup>2</sup> A luz não aceita nada que seja distinto de sua natureza.

Porfírio e Jâmblico estavam em acordo sobre a natureza da magia (γοητεία) e que o mago-feiticeiro (γοης) atrai para si a obsessão de *kakodaimones* (entidades malignas) através de sua impureza, impiedade e ilegalidade, marcando uma diferença contrastante ao homem divino, àquele que é sábio sobre as coisas do Um-Bem e cuja piedade age como guarda e proteção na sua busca por forjar conexões com os planos de luz e perfeição. Jâmblico argumenta ainda que o feiticeiro (γοης) é espiritualmente inferior ao teurgo, pois ao feiticeiro falta receptividade, disciplina, persistência e preparação filosófica. Para Jâmblico o feiticeiro deturpa a ideia de contemplação divina, acabando por servir e trabalhar em função de entidades malignas, tornando-se, em certa medida, escravos delas. Dessa forma, nós vemos em Jâmblico a crítica a postura do feiticeiro, não a tecnologia mágica que ele utiliza. O que Jâmblico condena é a falta de disciplina espiritual e treinamento filosófico, o que purifica e inverte a condição anatrópica da Alma. Em sua disciplina, o teurgo se alinha a demiurgia do cosmos, atuando como um canal-vivo de expressão dos

---

<sup>1</sup> Veja Jâmblico, DE MYSTERIIS, 3, 13; 129, 14-15.

<sup>2</sup> Veja Jâmblico, DE MYSTERIIS, 3, 13, 29; 129, 15; 130, 14.

deuses: suas ações imitam a natureza eterna e ontológica dos deuses, construindo uma *afinidade* e *reciprocidade* com eles, reafirmando a sabedoria arcana de que os semelhantes se atraem. O feiticeiro, por falta de treinamento filosófico adequado, disciplina espiritual e o cultivo das virtudes, não constrói essa *afinidade* e *reciprocidade* com os deuses, que cospem e sua face, tamanha vergonha e prepotência. Um feiticeiro trabalha para si mesmo, não para a *Obra do Divino*, como o teurgo assim se coloca. O teurgo é um receptáculo dos deuses. Através de um estilo de vida filosófico, que implica ritual, ética e aprimoramento intelectual, ele purifica sua Alma, criando nela a receptividade apropriada para atrair e assimilar as forças divinas, tornando-se um receptáculo apropriado aos deuses. Isso porque a teurgia é a própria operação dos deuses e somente um teurgo que tornou-se um receptáculo adequado aos deuses pode executá-la.<sup>3</sup> Porfírio, o professor de Jâmblico, argumentava que os ritos de teurgia somente funcionam se o praticante cultivar uma vida filosófica, a prática das virtudes e o cultivo de qualidades éticas.

O teurgo acredita que os deuses em sua benevolência qualificam os homens com capacidades teúrgicas, o que os possibilita invocá-los através do uso correto dos símbolos (*sunthāmata*) adequados em ritos de teurgia. O conhecimento e a forma como empregar corretamente estes símbolos são considerados um dom conferido pelos deuses e aqui reside, quem sabe, a maior distinção entre teurgia e γοητεία: a maneira com a qual os símbolos são utilizados nos rituais. Jâmblico ensinava que os símbolos utilizados nos rituais de teurgia estão conectados àquilo que eles representam, quer dizer, sua causa divina. Isso determina que cada símbolo utilizado no ritual seja uma fonte ou um portal de acesso àquilo que ele representa, pois ele está conectado a própria causa de poder daquilo que representa, embora ambos, o símbolo e sua causa divina, tenham identidades e funções distintas na ordem do cosmos. A conexão, portanto, entre a Alma e o símbolo cria um entrecruzamento vibracional, quer dizer, abre-se uma encruzilhada de poder que servirá como acesso operando através da simpatia horizontal da Alma com os códigos de luz verticais do divino. Quer dizer, através do símbolo a Alma pode elevar-se aos reinos de luz e perfeição. Dessa maneira, qualquer ritual que falhe em elevar a Alma aos planos de luz e perfeição através da utilização de seus símbolos não é teurgia, mas magia (γοητεία). Colocando de outra maneira: os símbolos do ritual dão acesso a fonte divina representada por eles. Se estes símbolos conectam o praticante ritual aos planos de luz e perfeição, trata-se de teurgia, caso contrário, se o acesso que eles possibilitam são outros reinos densos, trata-se de magia (γοητεία).

A palavra magia (γοητεία) na Antiguidade greco-romana passou a descrever um rótulo social polêmico que desqualificava não apenas feiticeiros, mas até os praticantes de outras religiões. Essa desqualificação tomou grande voz através dos teólogos cristãos, que argumentavam inclusive, que a teurgia neoplatônica era só outro nome para *mageia*.

---

<sup>3</sup> Veja Jâmblico, DE MYSTERIIS, 2, 11; 98, 6-10.

Jâmblico nega essa ideia, defendendo que as diferenças entre um teurgo e um mago-feiticeiro (γοης) não são apenas filosóficas, mas também éticas. A teurgia depende da continuidade de propósito, pois se trata de um esforço empregado ao longo de toda a vida e baseado sobre uma sólida disciplina ética. Para Jâmblico existia um abismo ético e filosófico entre o teurgo que se dedica disciplinadamente a execução de seus rituais em um esforço soteriológico de iluminação de sua Alma através da assimilação dos códigos de luz dos deuses, das virtudes e dos heróis, bem como de sua participação harmoniosa na demiurgia do cosmos. A teurgia trata-se, portanto, de um estilo de vida filosófico e ético muito distinto do estilo de vida errante e mendicante de feiticeiros que viajavam de cidade em cidade vendendo amuletos, maldições, amarrações, poções mágicas etc. a qualquer um com dinheiro para pagar, com pouca ou nenhuma consideração ética sobre o dano que poderiam causar na vida das pessoas.

O tipo ou a qualidade de *mageia* que Jâmblico descreve e aconselha evitar é caracterizada pelos magos-feiticeiros praticantes da magia contida nos PAPIROS MÁGICOS GRECO-EGÍPCIOS, uma coleção de encantamentos, amarrações, feitiços e maldições coletadas de fontes egípcias, coptas e greco-romanas. Estes *papiros* se tratam de um conjunto de práticas e métodos de magia (γοητεια) como executados na Antiguidade, no entanto, eles também incluem toda uma liturgia baseada em um culto soteriológico a Mitras, considerado uma prática teúrgica por sua busca pela imortalização da Alma.

A fonte mais rica por trás dos PAPIROS MÁGICOS GRECO-EGÍPCIOS é a cultura egípcia, onde não é possível separar a magia da prática religiosa como ocorre na cultura greco-romana. No Egito, os sacerdotes que realizavam as celebrações oficiais também realizavam cerimônias menores nas cidades, vilarejos e comunidades a convite de famílias locais como *magos freelance* em suas *horas de folga*. Jâmblico estava consciente disso e coloca ênfase, como antes foi dito, mais na conduta pessoal do que na prática em si ao diferenciar teurgia de magia (γοητεια). Alguns aspectos dos PAPIROS MÁGICOS GRECO-EGÍPCIOS, portanto, podem ser considerados teúrgicos, devido a influencia magico-religiosa e soteriológica da cultura egípcia.

### **UMA CONFUSÃO MODERNA: O DEBATE SOBRE MAGIA BRANCA & MAGIA NEGRA**

A distinção de Jâmblico entre teurgia e magia (γοητεια) levou alguns autores a uma interpretação equivocada que eles denominaram de *alta teurgia* e *baixa teurgia*. Nessa classificação, o que se conveniu chamar de *alta teurgia* trata-se de uma prática mística e filosófica, evitando o uso de rituais. A *baixa teurgia*, por outro lado, faria uso da ritualística cerimonial e todo seu aparato. Este tipo *baixo* de teurgia seria destinado àquelas Almas demasiadamente apegadas a matéria enquanto que a teurgia de tipo superior seria destinada a teurgos que transcenderam a necessidade do

ritual e os aspectos densos da encarnação. Este tipo de divisão estaria, supostamente, adequado às ideias de Jámblico: a *baixa teurgia* sendo considerada magia (γοητεία) e a *alta teurgia* àquela que Jámblico se refere como sendo superior. Estes dois tipos de teurgia formariam:

- Alta Teurgia: eixo vertical.
- Baixa Teurgia: eixo horizontal.

O maior defensor dessa ideia é Andrew Smith, que argumenta que a *baixa teurgia*, de tipo *horizontal*, não tem poder para ir além dos limites deste mundo (a matéria), não podendo levar o teurgo a união com o divino. A *alta teurgia* de tipo *vertical*, por outro lado, é mais adequada, pois sua prática produz a *noese*,<sup>4</sup> possibilitando ao teurgo se unir ao divino.<sup>5</sup> Para Smith, o cerne de sua definição reside aqui: a teurgia de tipo horizontal opera somente através da *simpatia* física do teurgo; a teurgia de tipo vertical utiliza a *simpatia* transcendente ou a causa desta *simpatia* transcendente, o amor divino, pois ela vai muito além da matéria e procura a verdadeira fonte da causalidade.

Sobre essa classificação de Smith, outra autora, Anne Sheppard, faz uma reclassificação, dividindo a teurgia em três tipos de rituais: a prática teúrgica destinada à resolução de problemas cotidianos do dia-a-dia, o que ela compara a *magia branca*; a prática superior de teurgia que alimenta a Alma e, finalmente, a prática mais elevada de teurgia que possibilita a *mania divina*, proporcionando a união com o divino.<sup>6</sup> Sheppard afirma que os dois primeiros tipos de teurgia empregam rituais, mas a teurgia mais elevada não. Em comparação com a classificação de Smith, o primeiro tipo de teurgia defendida por Sheppard é a *baixa teurgia* (horizontal).

Essas duas classificações de Smith e Sheppard não existem na teurgia de Jámblico e elas estão no cerne do duelo que muitos autores têm postulado acerca da distinção entre magia branca e magia negra. Jámblico postulou que, dependendo da qualidade da Alma, quer dizer, o objetivo pelo qual a Alma encarna na matéria, haverá uma abordagem e um tipo de ritual teúrgico distinto. Dessa forma, a teurgia é abordada em contextos diferentes, dependendo da qualidade da Alma.

Três são os tipos de Alma encarnada na matéria: as Almas torpes que Jámblico classificou como *rebanho*, sem aptidões ou volições espirituais presentes; as Almas que ele classificou como estarem no meio do caminho, quer dizer, embora torpes, têm capacidades e volições espirituais; e finalmente, as Almas perfeitas e completas que estão acima da natureza e do destino. Para cada tipo de Alma, portanto, há um tipo de ritual teúrgico

---

<sup>4</sup> Compreensão ou percepção imediata. Em nosso estudo de teurgia do *Colegiado da Luz Hermética*, levando em consideração a teoria que subjaz essa interpretação de Smith, poderíamos dizer que a *alta teurgia* trata-se dos exercícios espirituais e *lectio divina* sobre os quais nos debruçamos. Veja Pierre Hadot, EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E FILOSOFIA ANTIGA, Realizações.

<sup>5</sup> Andrew Smith, PORPHYRY'S PLACE IN THE NEOPLATONIC TRADITION: A STUDY IN POS-PLATONIAN NEOPLATONISM. P. 91, 111-121.

<sup>6</sup> Anne Sheppard, *Proclus Attitude to Theurgy*, em CLASSICAL QUARTERLY, p. 212-224.

adequado. Todas elas, no entanto, precisam dos ritos de teurgia, pois padecem do mesmo dilema: encarnação da matéria. Isso está em perfeita sincronia com a cultura tântrica que também vê distinção entre os praticantes de tantra. O *paśu* (gado, rebanho, besta) é o praticante débil e de maus hábitos; o *vīra* (herói) é o praticante que possui domínio sobre si mesmo e capacidade de aprofundamento; o *divya* (puro) é o praticante cuja Alma já foi refinada através das inúmeras encarnações ou um santo. Para cada um destes praticantes a cultura tântrica oferece um tipo de ritual (*pūjā*).

Em Jâmblico, portanto, não existe *alta* e *baixa teurgia*. Assim como na cultura tântrica, Jâmblico acredita que a Alma se aperfeiçoa na medida em que encarna sucessivas vezes na matéria, o que ele chama de *efeito cumulativo*.<sup>7</sup> A teurgia é necessária para cada tipo de Alma. Nas suas encarnações sucessivas e através da teurgia, a Alma se alimenta dos códigos de luz dos deuses, heróis e virtudes até que seja capaz de executar a adoração incorpórea, um alto nível de prática teúrgica onde o Ego é completamente suplantado pela consciência divina no estado de *henosis*.

Ainda, estes três tipos de teurgia classificados por Jâmblico segundo a qualidade da Alma, são inclusivos, quer dizer, eles se integram ao ponto de aperfeiçoarem uns aos outros. E a classificação de Smith sobre a teurgia vertical e horizontal não encontra referência real em Jâmblico. Para Jâmblico, qualquer rito teúrgico é exclusivamente *vertical*, pois eleva a Alma aos reinos de luz e perfeição, conectando o teurgo com os deuses. Quer dizer, seja lá a qualidade da Alma, a teurgia irá guiá-la até os deuses.

Esse dilema e má interpretação da teurgia clássica neoplatônica de Jâmblico tem inspirado uma ávida discussão sobre a natureza da magia, se branca ou negra, nas tradições modernas e pós-modernas. Embora alimentada por outras disputas, Jâmblico reside na gênese dessa discussão e para compreendê-la seria saudável, como nos aconselha Pitágoras (570-495 a.C.), buscar na fonte àquele que veio primeiro!

Ζητει Μυστηρια

---

<sup>7</sup> Veja Jâmblico, DE MYSTERIIS, 5, 14.